

---

---

# Política



1 9 2 9

---

---

Ano I

N.º 3

---

ADMINISTRADOR — *H. de Mendonça Dias* (F. D. U. L.)

EDITOR — *Fialho Barreto* (E. S. M. V.)

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTD.<sup>a</sup> (Em organização)

---

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol a Santa Catarina, 40-A, 1.º

---

## SUMARIO

carta de Madrid . . . . .	<i>José Pequito Rebello</i>
Arte — Renascem os frontões do Capitólio . . . . .	<i>A. de Mendonça-Dias</i>
a Europa e a humanidade . . . . .	<i>Diogo Ortiz</i>
Idealismo . . . . .	<i>L. Ramos Ascenção</i>
de Arte . . . . .	<i>A. de M. D.</i>
de Letras . . . . .	
ao Ritmo da Ampulheta . . . . .	

---

### ASSINATURAS

(Cada serie de 10 numeros)

Continente e Ilhas .....	10\$00
Provincias Ultramarinas .....	15\$00
Estrangeiro .....	20\$00

Numero avulso 1\$50

---

---

**Este numero foi visado pela Comissão de Censura**

# Política

REVISTA QUINZENAL

ORGÃO DA JUNTA ESCOLAR DE LISBOA DO INTEGRALISMO LUSITANO

Director — A. de Mendonça-Dias (F. S. U. L.)

---

Lisboa, 20 de Maio de 1929

---

## carta de Madrid

### A DITADURA ESPANHOLA E A SUA CRISE ACTUAL

**U**MA Espanha nova tem surgido, sem dúvida, da influência e acção do governo de Primo de Rivera. O problema da ordem foi desde o começo resolvido, (os atentados sociais diminuíram 30 vezes e os dias perdidos por grèves foram reduzidos à décima parte). O problema de Marrocos, sorvedouro de sangue e de riquezas, encontrou solução brilhante e definitiva na acção de Alhucemas e campanha subsequente (deixou a Espanha de pagar aquele fóro anual de mais de 2.000 mortos e de mais de 1.200 feridos de guerra e pôde iniciar na zona de Marrocos uma larga acção civilizadora e colonizadora).

Fomentou-se a ferro-via, as estradas, todos os meios de comunicação (as linhas férreas amentaram 9.142 quilómetros, e as estradas 4.000 e tantos, além das especiais para automóveis; as linhas aéreas somam um percurso de 2.900 kms.) Fez-se rasgada política hidráulica (constituíram-se as confederações hidrológicas do Ebro, do Douro, do Guadalquivir e do Segura, num grande plano de conjunto em via de realização). Protegeu a agricultura (protecção do trigo, do azeite, do vinho, da laranja; compra de propriedades para colonização interior, mais de 7 milhões de empréstimos sobre trigo). Aumentou e prestigiou o exército, a marinha e a aviação (exército reduzido a 150.000 homens pela cessação da guerra de Marrocos, mas tendo ganhado nela o prestígio e o espirito da vitória, a aprendizagem e dotado de uma boa organização material, apoiado nas suas fábricas militares, que são hoje, segundo um autor espanhol, «centros industriais formidáveis»; marinha desenvolvida, pelos programas de 1915 e 1926, pelo primeiro com 4 cruzadores, 5 grandes contratorpedeiros, 16 submarinos, pelo segundo mais 3 cruzadores, 6 contratorpedeiros e 12 submarinos, tendo já hoje 14.000 homens de tripulação

## POLITICA

bem instruída; a aviação, dotada de órgãos científicos, técnicos e industriais admiráveis, permitindo a construção completa dos aeroplanos em Espanha, bem como das respectivas bombas explosivas; tem hoje a Espanha 600 aeroplanos em maioria de fabricação nacional, e em 1935 terá 1.400, além dos vários e gigantescos Zepellins em via de construção para a linha Sevilha a Buenos Aires).

Pôs ordem nas finanças (criou um superavit de 108 milhões e consolidou a dívida flutuante, que era de 5.125 milhões).

Vitalizou a administração municipal (gastos por obras, quintuplicados).

Desenvolveu a instrução (aumento de 5.000 escolas primárias, e 4.300 mestres).

Melhorou muito a situação diplomática da Espanha e pela exposição Ibero-Americana de Sevilha, pelo empréstimo à Argentina e outros factos apertou muito os laços de solidariedade com a América hispânica; na vitória de Marrocos se aproximou da França, etc.

Este o quadro da obra riverista e ditatorial em Espanha, expresso por resumidos índices que extraímos do livro notável de José Pemartin — *Los valores historicos en la Dictadura española*, livro que recomendo a todos os estudiosos e em especial àqueles que na ditadura portuguesa têm alguma responsabilidade de direcção. Ao mesmo tempo que faço esta recomendação e antes de passar adiante, quero chamar em especial a atenção dos que por meu conselho lerem este livro, sobre o capitulo dêle em que se alinham os algarismos da nova grandeza militar da Espanha. Não com intuitos de agressão ou de defesa (que entre os dois países creio bem para todo o sempre estabelecida uma política de paz e amizade), mas para valorizar a sua potência até para a hipótese de uma futura guerra, em que Portugal e a Espanha sejam naturalmente aliados, deve Portugal ter um poder militar de exército, de marinha e de aviação, que não nos inferiorize em relação à Espanha. Somos um país de território maior do que a Espanha (não esquecer que não temos colónias, mas sim províncias ultramarinas); olhando para a restauração militar dos nossos vizinhos, não seria demais procurarmos ter um exército e uma marinha correspondentes e sobretudo uma aviação que não ficasse longe dos 600 aviões espanhóis de hoje e dos 1.400 do futuro ano de 1935.

Mas, fechando este parêntesis de grave advertência patriótica, vejamos agora como apesar d'este quadro brilhante dos resultados do governo de Primo de Rivera, uma crise de ditadura parece desenhar-se em Espanha.

Houve, como se sabe, a tentativa revolucionária, abortada nas suas primícias. Ela exprimia vários descontentamentos: o do corpo de artilharia, o dos intelectuais e de uma maneira geral daquele sector de Espanha, que contem a gente dos velhos partidos, o sector liberal e constitucional, zona mínima de toda a superfície da gente espanhola, mas que procura compensar a sua inferioridade com a intriga, o boato,



a difamação, a clássica gritaria partidária. A oposição não consegue revestir-se de razão suficiente deante do observador imparcial. A artilharia reivindicava a continuação de um privilégio absurdo, que proíbia a promoção por distinção; a Universidade adoptava um mau pretexto de revolta, pois as medidas do governo eram no sentido de uma maior liberdade de ensino.

Em todo o caso, coisas *a priori* muito pequenas no conjunto grandioso dos altos interesses da nação espanhola, que a ditadura veio valorizar.

Por esse lado, pelo lado da oposição dos partidos, nessas formas protestantes e revolucionárias, não é que está a grande crise da ditadura; essas ofensivas só servirão pelo contrário para uma reacção dos elementos ordeiros em derredor do Governo, em redor de Primo de Rivera e dos homens fortes que o rodeiam, como Martínez Anido e o General Sanjurjo, decerto inflexíveis em manter a todo o custo este bem supremo que a Espanha conquistou com a ditadura, a ordem pública.

O liberalismo espanhol, assim, só tem os recursos que a própria ditadura lhe permitir usar. E a ditadura houve por bem autorizar ao liberalismo a publicação do seu programa, que o programa do liberalismo espanhol bem expresso está no artigo *Nuestra actitud — Lo que piensa y defende el Sol*—que este jornal publicou a 23 de março. À volta de tal programa, se estabeleceu um certo movimento jornalístico de adesão, nos periódicos da côr; e resultou um successo para o governo esta autorização da censura, pois esse programa, que se diz ser o ponto geométrico das várias correntes anti-ditatoriais, é de um formalismo retumbantemente ôco e vasio, como que articulando os ecos de alem-túmulo de uma voz que mesmo em vida se caracterizou por nada significar, como que a ressurreição do Conselheiro Acácio, naturalizado espanhol após a sua reincarnação, pela impossibilidade absoluta de ser aceito como português, dada a nossa avançada evolução política...

Desde a rotunda afirmação pre-republicana de que «no consideramos consustanciales a la Monarquía y España, ni damos por consiguiente, importancia básica a la forma de gobierno», até à formal afirmação da liberdade de imprensa, passando pelo mecanismo constitucional de um parlamento que faz as leis e dá as indicações para a constituição do gabinete, vindo a ser punido com a dissolução se comete o excesso de em certo espaço de tempo deitar abaixo três governos, nada falta da pura doutrina liberalista neste programa; mas todo êle é zero, se o confrontarmos com a mínima das fortes realidades espanholas a que, embora sob uma forma imperfeita, a governação de Primo de Rivera veio dar corpo.

Do lado do sector operário, não provocou forte antipatia a obra de Primo de Rivera, que pelo contrário é acusado de ter contribuído para o desenvolvimento da força socialista em Espanha, por via das suas muito avançadas experiências sociais. Cabe aqui uma referência especial à obra do ministro do trabalho, Sr. Aunóz Perez, à célebre

## POLITICA

organização do trabalho por meio dos Comitês paritários, de operários e de patrões. Abrange tôdas as formas industriais do país numa rede corporativa, que se estende até à agricultura, para a qual devem funcionar três espécies de comitês paritários; uns de patrões e operários, outros de senhorios e rendeiros, outros, finalmente, de agricultores e de industriais de indústrias conexas da agricultura. Esta organização é de tal ordem, que foi considerada muito avançada pelo próprio Mr. Albert Thomas, do Bureau International du Travail, o que não constitue o seu melhor elogio. Verdadeiramente parece ter sido esta política um dos erros da ditadura espanhola: em primeiro lugar, o seu espírito, embora se reclame de tradicionalismo corporativista, é no fundo uma tendência para mostrar que a ditadura é mais democrática do que o antigo regimen, tendência, pois, embora indirectamente, demagógica; o seu mecanismo e forma é horizontal e marxista, sôbre a concepção das classes económicas, agrupando, embora num intuito de paz, os elementos da produção em formações que passam a ser por assim dizer oficialmente antagonistas, em zonas onde haveria talvez naturalmente a noção da unidade do interesse corporativo, ou, perdida ela, seria o mais urgente mister restabelecê-la; excessiva generalização a todo o corpo económico espanhol de uma organização, que em muitas partes não é pedida por apreciáveis reivindicações de interesses e em quas tôdas não encontra elementos pessoais de realização para a sua técnica complicada; sua inadequação essencial à agricultura, cujas regras sindicais nunca poderão ser as mesmas da indústria. Felizmente a arbitragem do Estado evitará os maiores desastres no funcionamento desta organização e a força da ditadura facilmente poderá renunciar à experiência, desde o momento em que ela abra clara falência; sempre a vantagem dos regimens fortes que sobevem facilmente aos seus próprios erros.

Do lado conservador, morto Vasquez de Mella, não aparece muito visivelmente a afirmação de uma doutrina integralmente nacionalista, que poderia ser de grande auxílio espiritual à ditadura. Não encontro em Espanha uma só corrente doutrinária, que seja integralmente anti-parlamentarista. Os melhores admitem no futuro parlamento uma parte de sufrágio. Parece que em todos os espíritos paira também essa obsessão de um regresso à normalidade. Este fenómeno, que poderia chamar-se o da *traição inconsciente e involuntária* do espírito tradicionalista espanhol à ditadura, encontra expressão na atitude, por exemplo, do grande e autorizado jornal espanhol *El Debate*, manifestada no artigo de fundo de 26 do mês passado. Nêsse artigo aparece bastante o preconceito constitucionalista (o velho erro de que, de uma constituição escrita, ditada racionalmente, deve necessariamente resultar a felicidade e a ordem num povo) e o preconceito liberal (a ideia *a priori* de que a ditadura é um regimen essencialmente transitório, quando pelo contrário se devia dizer que todo o poder é essencialmente uma ditadura, a autoridade suprema pertence essencial, permanentemente ao Estado, os corpos sociais é que

participam variavel, acidentalmente dessa autoridade, segundo o valor social e nacional que demonstram).

Acena *El Debate* com o exemplo de Itália. Oxalá com efeito êle seja bem compreendido de Espanha. Porque a nova constituição fascista não é um sucedâneo ou revogação da ditadura, mas sim a sua continuação e consolidação. Todo o parlamentarismo que nela parece existir é mēramente formal, é como que uma experiência social feita sob a autoridade transcendente da ditadura, que *continua*, na fórmula Rei e Mussolini (emquanto Mussolini existir) Rei e Conselho Fascista (isto é, ainda a vontade de Mussolini sobrevivendo-se), quando Mussolini faltar. Aparece a Dinastia como que reforçada por uma dinastia secundária, no género da *hereditariedade sociocrática* de Comte ou do sistema da sucessão da Igreja Católica, em que o *sucessor* é eleito por aqueles que o *sucedido* para êsse fim previamente nomeou. E' pois um mau conselho que se dá a Primo de Rivera dizer que cêda o logar a uma constituição; diga-se-lhe antes que faça tôdas as experiências constitucionais, porém, guardando o poder na sua mão.

Esta carência de um integral espírito nacionalista em Espanha, pouco grave ainda seria, se ela se não estendesse ao espírito do próprio ditador espanhol. Porém, nas declarações dêste, algumas infiltrações se notam de intimidação intelectual liberalista ou constitucional. E' vêr, por exemplo, a entrevista concedida ao *Daily Mail*, de 15 de Abril. E' decerto uma forte e demonstrativa apologia da benemerência nacional da ditadura. Mas tem-se no fim uma grande decepção quando o ditador resume a sua missão, na frase aliás de um belo orgulho: «Eu vim para governar e governei». Parece evidente que ele devêra ajuntar: «E como esta minha experiência do govêrno de Espanha se mostrou identificar-se com o perpétuo interesse nacional, não abandonarei o meu pôsto sem que êle seja preenchido por outro chefe que me continue; não é a ditadura que deve ceder à normalidade, a ditadura é que deve normalisar-se, isto é, perpetuar-se, assistida da representação dos verdadeiros interesses nacionais».

Creio que Primo de Rivera, creio que o Rei de Espanha, superando tôda a sugestão mórbida de liberalismo, virão a formular êste principio. A corrente restauradora do Estado latino é irresistivel, inofismável, vai polarizando por transcendente destino as vontades e opiniões individuais. Também já o fascismo italiano teve a sua crise. E homens providenciais, como Primo de Rivera, não creio que errem definitivamente. Sobretudo quando, como Primo de Rivera, pela proclamação de um alto e desassombrado ideal de cristianismo (podia acrescentar como Mussolini, pela reconciliação com a Igreja; exemplo infelizmente ainda não seguido pela ditadura portuguesa, que bem precisa, para durar, juntar às suas benemerências financeiras e governativas rasgadas afirmações spirituais), chamam a protecção da Providência de Deus para a nobilíssima obra da restauração dos povos.

*José Pequito Rebello*

# A R T E

## II

### RENASCEM OS FRONTÕES DO CAPITÓLIO

---

O elogio caloroso e alvoroçado, que depois do século XV se manifestou em tórno da cultura e da arte da Grécia e de Roma, teve, como a própria lição da história nos ensina, como imediata resultante, interromper e destruir para sempre, a natural evolução de tóda a arte românica e gótica, estilos que vincavam e definiam eloqüentemente o espírito novo daquela nova-Europa que se seguiu ao império dos romanos e que se baseou estruturalmente no cristianismo.

Realmente um espírito refundido da velha civilização pagã, modorado nos extremos do requinte civilizador que destruíra já o antigo sentido prático dos romanos, pela primitiva simplicidade de costumes que os povos do Norte ofereciam então à Europa, foi tomando corpo e desenvolvendo-se em toda a idade-média, realizando a arte dos mosteiros e das catedrais, arte sincera e expressiva que a todos inspira sentimentos de nobreza e de grandeza impressionante. Período de formação de uma nova idade, os séculos que antecederam o renascimento clássico devem significar para nós, europeus e ocidentais, o melhor e o mais representativo timbre de honraria da velha Europa cristã, que resiste ha muito e sempre com firmeza a todos as assaltos, e até mesmo para honra sua, vai revivendo em nossos dias, na idade-nova, que ora se vai formando, o tão dignificante espiritualismo da primeira cristandade que fez dos cavaleiros do Ocidente, crentes e audazes em todos os tempos.

Mas os séculos foram passando, e com o decorrer do tempo, um movimento renovador revoluciona a tradição pagã que parecia para sempre extinta, defende calorosamente o regresso das cinco *ordens* e os frontões do Capitólio começam a renascer, para, sobre a nova-Europa, que se fôra fundamentando durante a idade-média, começar a sobre-pôr-se num ultrage consciente, todo o pensamento clássico, e tóda a arte clássica, como se realmente a meia idade fosse um longo período de retrocesso e barbaria.

A estatuária religiosa medieval, com o seu cunho característico, derivante em maior parte do sentimento cristão que se fôra a pouco e pouco formando durante esse longo período, e tão diferente das cuidadas técnicas de esculpir que muitas vezes nada significam e nada interessam



porque nada exprimem, vê-se substituída por uma arte aparatosa, de traçado rigoroso, anatomicamente certa, muitas vezes bela, mas sempre de sentido pagão acentuado, no culto pela forma, no realismo e na preferência pelo nú como motivo de arte. E já não transparecia o sentimento antigo da arte cristã, nessa estatutária tão afastada do espiritualismo medieval que gerara aquela nobre e tão expressiva arte que ainda nos tempos modernos é compreendida e admirada, coma de tôdas a mais pitoresca, e a um tempo, a de maior singelêza de contextura.

As arquivoltas e os capiteis historiados vão desaparecendo também, sob camadas espessas de alvenaria, para sôbre tão nobres peças architectônicas se sobreponem, moldados pela técnica do tempo, capiteis dóricos ou compósitos, e os altares cristãos que até então eram de boa cantaria e pouco elevados para deixarem desafortadas as longas janelas ogivais que emolduravam as místicas policromias dos vitrais medievos, tornaram-se aparatosos também, perderam aquela singelêza que destacava e punha em relevo a escultura religiosa e expirando-se em colonatas e tallia doirada, foram cobrindo de baixo a cima, os colonélos e as nervuras das abóbadas. E ao espírito da Renascença não repugnava que as cinco *ordens* da architectura pagã e os frontões dos templos de Júpiter e de Mercúrio, viessem a servir passados tantos séculos, para os templos cristãos, porque a nobre architectura medieval é considerada então bárbara e grosseira para a idade de requinte pagão e da orgia artística que se iniciava, levantando hinos em louvor da Grécia e de Roma com um alvoroço e regosijo desusado.

Mas a essa corrente renovadora e de elogio do pensamento e da arte pagã que se desenvolve no século XV, Portugal resiste com nobreza e, resistindo, oferece galhardamente à civilização aquela arte comunicativa, simbólica ainda, falando com eloquência o sentir de Portugal, povo navegador, na profusão dos apetrechos de marear, nas cordas e nos moitões, e tão expressiva da mentalidade portuguesa de *quinhentos* que mais parece a nossa Grey, nos seus freires de Cristo, nos nobres de linhagem e nos burgueses, inspirando os architectos, e colaborando com os artífices da arte do rei Venturoso, para que fôsse por todos os modos a simbologia sentida da expansão de Portugal através dos mares desconhecidos. Não foi portanto senão tarde e difficilmente, que na Terra Portuguesa, esta arte dos frontões e das cinco ordens, se implantou definitivamente, que o espírito cristão bem formado e lenta e sólidamente constituído durante a nossa idade-média, resistiu em quanto pôde às influências estranhas do classicismo que por tôda a Europa se desenvolvia.

E' nessa resistência em defesa das tradições da arte medieval, tão própria e tão bem compreendida pelos antigos portugueses que à sua sombra acolhedora foram crescendo a pouco e pouco, recolhendo-se e abrindo-se do inimigo entre as arcarias góticas e românicas dos velhos mosteiros ameaçados, que melhor se patenteiam as capacidades progres-

sivas dos portugueses de quinhentos, criando uma arte sua, adaptando á velha estructura do gótico da Batalha novos motivos architectónicos que relembressem o constante labor dos marinheiros do século XVI.

Mas passado o período áureo das nossas empresas, diminue em grande parte a própria razão do aparecimento da arte manuelina, e o espírito dos artistas portugueses, como dos peninsulares, tem também o seu *gongorismo* plástico, irmão daquela tremenda decadência nas letras que resultou em redundâncias e em preciosismos desnobilitantes e que na architectura vai dar ao *baroco* e mais tarde ao tão abastardado *rococó*, hipertrofia das subtilezas já de si decadentíssimas do século XVIII.

E a velha sé do Porto vê desaparecer a sua nobre portada, num ultrage áquella arte antiqüíssima, sob uma profusão de escultura e de fêstões floridos, duma beleza que não exalta, nem nobilita, depois de abundantemente mutilada pela arte da Renascença que lhe corrompe os perfis e deturpa o equilíbrio das arcarias das naves, que desaparecem também sob camadas de estuque *civilizador*.

E assim a arte, que no século XV se pretendia emancipar da nobreza humilde das capelas românicas, incapaz já de restaurar o equilíbrio antigo, redonda na confusão, na bastardia, e vai estiolando-se pouco a pouco, perdendo a virilidade, para no século seguinte manifestar a mais completa decadência (reflexo evidente da desordem mental e politica) que jamais existiu em qualquer idade.

=====  
A. de Mendonça-Dias

Por circumstancias superiores á nossa vontade este numero sai com algum atraso pelo que apresentamos aos nossos amigos as melhores desculpas.

=====  
**No próximo numero:**

**carta de Roma** — *Pequito Rebelo.*

**a Maçonaria, o patriotismo e o dever militar**

— *Ruy d'Almargem.*

«A REALEZA DE D. MIGUEL» — *R. d'A.*

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS.

INTEGRALISMO LUSITANO.

## a Europa e a humanidade

**E**UROPA E A HUMANIDADE — é o título de um pequeno volume de cem páginas publicado há anos em Sofia, e cujo autor é o príncipe Trubetzkoy, herdeiro de um dos maiores nomes da Rússia e professor universitário que o bolchevismo afugentou de Moscovo para Sofia.

A sua leitura sugeriu-me algumas considerações cuja extensão limitarei o mais possível, para não fugir ao tamanho normal dos artigos desta revista.

Sabe-se que após a grande derrocada da Revolução Russa, numerosos centros de emigração se estabeleceram nas grandes cidades europeias, onde se vão elaborando, por meio de uma permanente agitação intelectual, as grandes bases da reconstrução futura. Ao lado de nomes como Nicolau Berdiaeff, Wladimir Solowieff e outros, o príncipe Trubetzkoy apresenta as suas ideias sobre os fundamentos em que assenta a Rússia de amanhã. Ideias que importa conhecer, para que do intenso fervilhar mental em que se agita o emigrante russo e sobretudo das direcções que essas ideias preferentemente tomam perante os valores culturais europeus, se possa fazer uma avaliação segura.

O príncipe Trubetzkoy representa a tendência anti-europeia mais pronunciada. O regresso à tradição eslava, a aliança da Rússia com a Ásia, o ódio implacável à Europa e à sua civilização, eis os temas preferidos da sua propaganda anti-occidental. O volume *Europa e a humanidade* representa e resume estas tendências revolucionárias. É o pequeno breviário do ódio de todo o eslavo que deixou de olhar para o Occidente com a devoção e o respeito que uma tradição milenária lhe impunha.

Mas o ponto que mais nos interessa, aquêlo donde será possível derivar algumas justas observações sobre a mentalidade dos nossos intelectuais internacionalistas é o que diz respeito às noções de «chauvinista» e do «cosmopolita» europeus, considerados como polos bem determinados das actuais concepções políticas em voga.

O «chauvinista», determinado por um misticismo nacionalista que o conduz inevitavelmente ao mais absurdo isolamento ou ao imperialismo mais perigoso, eleva a sua terra e a sua raça a alturas inatingíveis para outras terras e outras raças. A sua pátria, unidade superior em que se fundem todas as particularidades étnicas, é bem para ele a maravilha terrestre que um povo escolhido habita, eleito por Deus para fazer a felicidade dos outros povos, ensinando-os e iniciando-os na sua cultura. Isolado nas barreiras que a sua soberba ergueu, o «chauvinista» é o ódio puro contra o estrangeiro, o não-nacional. Vive no seu orgulho, do seu orgulho e para o seu orgulho. Assim o «esplêndido isola-

## POLITICA

mento» inglês. Assim o imperialismo germânico, e todos os imperialismos irracionais, como diria Seillière...

Em opposição a este egocentrismo do «chauvinista», o cosmopolita é o apóstolo convicto da fraternidade e da harmonia universais. Todo o nacionalismo é para elle estreiteza, asfixia e morte. Só na mais larga comunhão de ideais e interesses poderá estabelecer-se uma era de illimitada simpatia humana. E assim como o «chauvinista», na sua preocupação nacionalista, abstrai dos particularismos locais para só olhar ao todo nacional, o cosmopolita, no seu apriorismo racional, abstrai das diferenciações étnicas, destrói as fronteiras que separam os povos e proclama a superioridade do conceito de «universal» sobre os velhos e perniciosos conceitos de «nação», «raça» e semelhantes.

Ora este universalismo deve realizar-se numa cultura que abraça tôdas as raças e se exprima em tôdas as línguas. A unidade espiritual tornará assim mais intensos e fecundos os laços de fraternidade que unirão os povos para sempre. E' a Civilização, que exige o sacrificio de tôdas as singularidades nacionais.

Vê-se o contraste profundo, irremovível, absoluto que se cava entre estes dois tipos humanos, expressões de valores culturais diametralmente opostos. O primeiro, cego na sua obcessão particularista, é bem o polo do outro, que vê apenas noções universais a fazer respeitar e prevalecer. Onde um se encontra, não pode o outro estar sem que a guerra se declare abertamente.

Mas a diferença não é tão irredutível como a nós, mentalidades ocidentais, poderá parecer. Uma pequena mudança de posição far-nos há modificar sensivelmente a perspectiva que os nossos olhos abarcam, do ponto de vista que nos é próprio. Coloquemo-nos como o príncipe russo fora do círculo cultural romano—germânico. Suponhamo-nos eslavos, hindus, chineses, africanos. E a diferença dissolve-se como por encanto: nacionalismo e cosmopolitismo fundem-se no mesmo tipo «chauvinista», com a distância que vai de um chauvinismo de nacionalidade a um chauvinismo de cultura e civilização. Porque, em última análise, qual é a idéa de civilização e universalismo que o cosmopolita prega? Não é preciso ser um génio para compreender que a civilização e a cultura são para o cosmopolita a civilização e a cultura europeias, romano-germânicas, que espalhadas pelo orbe farão a felicidade do género humano. A Europa confunde-se com a humanidade... E aqui se levanta o argumento do asiático que, fazendo incidir a sua crítica sobre o valor de tal civilização e tal cultura, as nega e repele como perniciosas e malignas, e longe de lhes attribuir um valor absoluto, as põe em pé de igualdade com as culturas orientais.

O cosmopolita é pois tão feroz no seu imperialismo «civilizador» como o chauvinista no seu imperialismo rânico. Ambos se consideram representantes de uma idéa de carácter sagrado que, natural no segundo, é perfeitamente desorientadora no primeiro, que não se causa de



proclamar com um entusiasmo fervoroso o seu illusório e falso universalismo.

O pan—europeísmo a que êle se reduz, como se vê, constitue uma ameaça para todos os povos que se deixam iludir, embalados no encanto sedutor do seu auto-elogio.

Para que êsse perigo não fôsse verdadeiro, seria preciso demonstrar objectivamente: 1.º — que a cultura dos romano—germanos é mais completa do que tôdas as outras presentes e passadas; 2.º — que um povo pode aderir completamente a uma cultura elaborada por outro povo, e que essa adesão é possível sem mistura antropológica; 3.º — que a adopção da cultura europeia deve ser considerada como um bem.

Estas três hipóteses, desmentem-se com veemência e argumentos dignos de nota o príncipe Trubetzkoy, russo inimigo da Europa e da sua tradição intellectual, apóstolo do regresso da sua pátria à velha tradição eslava.

Que a agudeza crítica dos seus argumentos vai de encontro a uma realidade incontestável no que diz respeito à análise do cosmopolita, não pode ser negado. Basta tomar exemplos que a prata da casa nos fornece. Os intellectuais portuguezes que fazem profissão de internacionalismo, quando não politico, ao menos de cultura, tem a sua formação mental tão intimamente ligada à tradição clássica e europeia, que ninguém poderá afirmar que o seu universalismo não é precisamente aquêle chauvinismo europeu de que acima falámos. Não que seja grande a sua fé no valor universal das civilizações hindu, china ou afgã. Incoerência que põe bem a nu a falta de consistência lógica de certas noções que os nossos democratas gostam de apregoar!

Nós somos nacionalistas. Mas o nosso nacionalismo está tão longe do chauvinista isolado e orgulhoso como do cosmopolita alheio às realidades étnicas e sociais. O universalismo que tempera e refreia os possíveis desmandos da paixão patriótica, aquêle que não contém uma percela de illusão imperialista porquê não está enfundado a nenhuma cultura (nem sequer à occidental) é o universalismo católico, aquêle que pela primeira vez nos ensinou a palavra humanidade e nos prégou o amor do próximo.

Porque católico, não pode sêr propriedade do norte ou do sul, do oriente ou do ocidente, antes constitue a unidade superior em que tôdas as culturas cabem, em que todos os elementos de verdade que através dos séculos a Providência nelas tenha depositado se podem integrar, porque se para nós a Igreja é a guarda da verdade e da sabedoria eternas, a sua doutrina é a única verdadeiramente humana, verdadeiramente universal.

*Diogo Ortiz*

# IDEALISMO

**H**Á no último livro de Manuel Ribeiro páginas dignas da meditação dos que combatem por um ideal, seja ele qual fôr. Fala-nos Manuel Ribeiro com a sua experiência de antigo revolucionário, o que lhe dá uma grande autoridade no estudo que faz do protagonista do seu romance.

Mateus Contreiras, fogoso libertário e destemido combatente, que alternava a sua vida entre a conjura e a prisão, «inda não tinha trinta anos e encanecia já na alma, de muita ilusão desfeita, embora o não mostrasse nunca e ele mesmo o não quisesse vêr.»

Poderíamos atribuir tal estado de espírito ao esgotamento proveniente duma luta intensa, produzindo um envelhecimento precoce, que as privações e misérias materiais apressariam. O biógrafo, porém, dá-nos outras razões, que podemos dividir em dois grupos: o primeiro incluí as razões provenientes da experiência, aquilo que Mateus verificava na ordem dos factos; o segundo, mais interessante, compreende as razões de ordem puramente intelectual.

Os factos eram estes: deserções, falta de fé entre os que ficavam, uma força revolucionária, que parecia tão poderosa, facilmente destruída, e as desinteligências ideológicas entre os revolucionários, que os dividiam e enfraqueciam. Procurava-se a forma de realização do Ideal. «Porque um Ideal sem a estrutura, sem o esqueleto doutrinário, equivalia a vontade sem músculo, a incorpórea alma sem realidade sensível.» E aqui é que surgiam as contendas, tão fortes, que tornavam inútil toda a tentativa de avanço.

Por outro lado, Mateus sentia-se perplexo perante a «instabilidade dos sistemas», que «abortavam todos». Não deveriam, pois, os sistemas ser antes «tácticas da acção», «mera sciência das oportunidades»?

A certeza em que Mateus Contreiras concluía era esta: «E' que todas as doutrinas enfermavam deste vício capital que lhes iludia a eficácia:—visarem o conjunto e não terem em conta o particular, pretenderem todas a perfeição em globo e não curar nenhuma do aperfeiçoamento parcial. Esquecia-se a formação do individuo, para se olhar sòmente à construção da sociedade.»

Esta conclusão não serve apenas para os libertários a que Manuel Ribeiro se refere. Ela pode dirigir-se a todos os que ainda temos uma chama de ideal.

Quem escreve estas linhas crê arregaadamente que a solução do problema político é essencial e irremovível — e nunca indiferente — para o bem estar e o progresso da Nação e que este só pode ser assegurado e duradouro com o triunfo pleno da «verdade política portuguesa». Para nós, há só um regime que permite livremente a prosperidade na-

cional em todos os domínios. E' a Monarquia católica e orgânica. Mas entendamo-nos. Nós não dizemos que a existência dêsse regime implica imediatamente e *ipso-facto* o ressurgimento do país. O que dizemos é que éle, melhor que os outros, facilita e impele êsse ressurgimento. Ou antes: só éle tem essas virtudes intrínsecas. Os outros regimes são de per si um obstáculo ao progresso da Nação.

Postos os termos da questão, vê-se como para nós não bastam (embora sejam necessárias e indispensáveis) as fórmulas políticas ou a direcção do «Diário do Governo». Nunca no Integralismo Lusitano se pensou assim, tão simplistamente. Por isso António Sardinha apelava para «um labor constante de rectificação mental» e exortava a mocidade académica a seguir êste lema: «piedade e cultura». As nossas reivindicações só poderão realizar-se plenamente, e sem deturpações de funestas consequências, com a criação dum espirito que lhes seja adequado. E' a submissão humilde e sincera de todos os momentos à lei do Interesse Nacional. E' a adaptação e a realização em nós daquilo que nós queremos que o Integralismo seja na vida social. E', numa palavra, uma reforma interior, sem a qual serão baldados todos os nossos esforços de reforma do Estado e da colectividade.

À raiz do nosso nacionalismo tem cada um de nós, como diria António Sardinha, de colocar os mandamentos do Decálogo. Como base sólida e indestrutível, uma fé católica robusta e viva. Do cumprimento dos deveres para com Deus partirá a consciência dos deveres para com a Pátria.

Todos nós colocamos como aspiração suprema do nosso espirito o melhoramento das condições da vida pública, a honra e a glória da Pátria, de tal forma que se justifique cada vez mais o orgulho de sermos portugueses, não só pelo Passado, como pelo Presente e pelas perspectivas do Futuro. Para isso, pretendemos uma reforma colectiva, dos costumes, dos hábitos e dos espiritos. Por ela procuramos que os homens sejam menos egoistas, abraçando-os a ideais superiores e submetendo os seus espiritos aos interesses colectivos, da Família à Nação; procuramos criar um espirito activo de patriotismo e sentido da unidade nacional; procuramos, finalmente, a disciplina social e tudo quanto facilite a expansão de tôdas as virtudes cívicas (que nada têm que ver com as virtudes eleiçoeras). E' uma reforma completa e extraordinária, uma verdadeira revolução, que não se pode atear sem que haja apóstolos, dispostos a todos os sacrificios, dedicados e entusiastas, inacessíveis ao desalento. Mas verdadeiros apóstolos, que realizem dentro de si mesmos o ideal que vão prègar e espalhar.

... O livro de Manuel Ribeiro sugere-me estas reflexões. Não curemos só do aperfeiçoamento colectivo, descurando o nosso próprio aperfeiçoamento.

Temos uma doutrina completa, em religião e em política, a qual nos livra — Deus louvado! — da tortura humana de Mateus Contreiras

## POLITICA

que não pôde encontrar resposta às interrogações angustiosas do seu espírito nas hipóteses inconsistentes que certos sábios lhe ofereciam, saindo abusivamente dos limites da Sciência. A questão é segui-la, integralmente. Só assim, colocando nos como exemplos vivos, poderemos ser dignos soldados do Integralismo. Um integralista convicto vê na sua doutrinação uma obra de caridade social.

Dê-nos a religião católica a formação do carácter e a resposta aos eternos problemas do espírito, pois ela é a única que o pode fazer. Prova-o Manuel Ribeiro nos «Vínculos Eternos», defendendo uma tese cuja importância é fundamental para um nacionalista consciente.

Fora da Igreja — que esperança poderemos ter?

L. Ramos Ascensão

---

---

*Politica* recomenda a todos os seus camaradas e amigos os livros :

**Dois Nacionalismos** — *Hipolito Raposo*

**A Realeza de D. Miguel** — *D. Miguel Sotto-Mayor*

Os pedidos podem ser feitos à administração de *Politica* acompanhados da respectiva importância acrescida do porte do correio.

Lêr e propagar estes livros é a melhor forma de contribuir para o triunfo da Verdade política portuguesa.

---

---

## Aos nossos prezados assinantes

Com este numero são remetidos à cobrança os recibos de assinatura.

Pedimos a todos os nossos camaradas e amigos brevidade e boa vontade.

O dever de cada um é satisfazer-la prontamente e angariar-nos mais assinaturas de modo que a *Politica* não faltem os recursos indispensáveis para dela podermos fazer um baluarte do bom combate.



# de Arte

SOBRE A VIGÉSIMA SEXTA EXPOSIÇÃO DA  
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

**P**OR certo a boa parte dos entendedores da verdadeira Arte, no seu sentido mais elevado e mais digno, que vai muito para além do decalque e da reprodução rigorosa do modelo, viu que o certamen de Belas-Artes d'este ano, nada manifestou de novo nem de excepcionalmente interessante em matéria de processos ou de técnica artística.

Muito pouco concorrido, faltando-lhe a maior parte dos nossos nomes consagrados, embora Malhõa e Salgado lá figurem, e mestre Roque Gameiro pontifique ainda com um direito velho e conquistado ha muito, entre os aguarelistas expositores, a collecção reunida nos salões da S. N. de B. A., permanece muito àquem do que seria de esperar dos artistas portugueses, onde sem favor, existem alguns sólidos e bem equilibrados talentos na pintura, na escultura e na arte de construir. Mas essa boa falange de artistas que trabalham e realizam arte, empenhada e atarefada em ultimar as suas telas, que se destinaram ao nosso pavilhão de Sevilha e que firmarão por certo o valor da nossa arte moderna, focando com brilho e patriotismo a obra desta Raça de navegantes e missionários, não pôde concorrer d'este modo, como de certo o teria feito, á exposição annual de arte portuguesa. Daí a falta de concorrência donde decerto derivou o desinteresse.

Passêmos agora a focar ràpidamente os expositores e os trabalhos mais dignos de menção que nos feriram a atenção crítica:

\*

Abre o catálogo Varela Aldemira e podemos afirmar, ao iniciar estas notas, que de facto abriu bem; Aldemira é um grande pintor e sendo ainda moço, é no entanto já um autêntico talento de retratista, talento invulgar na firmeza da técnica que exuberantemente todas as suas obras expostas manifestam. Os retratos dos Snrs. Sande Lemos e Luís Varela Cid, são duas telas magníficas de verdadeiro mestre consagrado.

Falcão Trigoso, o pintor do Algarve florido e luminoso, expõe uma bela tela «Azul e oiro» digna de emparceirar, pela luz abundantíssima que dela emana, com aquela outra marinha do seu doirado Algarve, adquirido ha anos pelo Museu de Arte Contemporânea.

Malhõa trouxe-nos dois retábulos enormes, «A caminho da romaria» e «A vindima». E' realmente notável a coragem do artista, realizando ainda obras de tamanho vulto, mas se de facto o mestre por excelência da pintura de costumes portugueses não necessita de maiores loiros para a sua gloriosa carreira, no entanto é de notar que as telas expostas nos recordam com saudades as magnificas expressões dos seus «bêbados» e da alegria festiva das moças da aldeia de volta das romarias.

Fernando Santos corajosamente levou à exposição uma enormíssima tela, focando o génio desordenado de Bocage, envolvendo o poeta em uma confusa, e porque não, antiquada simbologia onde o nú abunda, e que lembra em parte, e é pena que assim seja, o seu anterior painel «Festim antigo». No entanto ha pedaços de boa técnica que fazem deste trabalho de Fernando Santos um dos melhores da exposição.

António Soares, evolucionando sempre na sua maneira de pintar, deu-nos um retrato da bailarina *Natacha*, que marcará talvez uma nova fase entre outras já de seu pincel de artista incansável de técnicas novas.

Domingos Rebelo, o pintor dos costumes do povo da sua terra — a ilha de S. Miguel — dá-nos, digno de interesse, um retrato da Snr.<sup>a</sup> D. Amélia Rey Colaço, de bom colorido e de boa composição ao sabor modernista.

Ruy Roque Gameiro expõe entre outros trabalhos «Salomé», curiosa escultura de linhas bem modernas e composição interessante.

Salvador Feyo quiz provar que possuía faculdades, que as proporções não o amedrontavam e levou assim à exposição um arrojadíssimo trabalho de escultura «O primeiro Canone» que marca sem dúvida a capacidade realizadora do moço artista.

Roque Gameiro dá-nos um esplêndido cartão «A fortaleza da Berlenga», estupendo de beleza e de luz, que confirma bem os antigos méritos do artista-mestre, e sua filha a Snr.<sup>a</sup> D. Raquel Gameiro Ottolini expõe belas aguarelas com scenas da Nazareth, com a conhecida segurança no desenho que tanto nobilita a arte desta Senhora.

E aqui fechamos estas notas críticas, certos de que se alguma cousa a mais poderíamos dizer, cremos no entanto ter focado tôda a linha geral da vigéssima sexta exposição da S. N. de Belas-Artes.

*A. de M. D.*

# de Letras

## O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS

Na última *book-season*, nenhum outro livro português me impressionou tão profundamente como *O último olhar de Jesus*.

Antero de Figueiredo conseguiu neste seu trabalho atingir talvez o degrau máximo da sua carreira gloriosa de mestre consagrado, o apogeu da sua última fase literária, que já nos dá a «Espanha», «Jornadas em Portugal» e «Senhora do Amparo», tão longe nos processos como na idealização dos seus primeiros livros.

*O último olhar de Jesus* é uma obra de cunho nacionalista, — uma obra século XX, que pretende reconstruir o que o século passado, a que Léon Daudet com algumas razões chamou *estúpido*, pretende destruir. Todo o livro gira à volta do problema religioso: — a forma que em parte perdeu o brocado e ouro da sua vestidura antiga, ganhou em simplicidade e em poder comunicativo, cingindo-se com uma grande justesa ao modo de sentir da maior parte das suas personagens humildes e bem portuguesas. O lexicon riquíssimo do autor matiza todo o livro magistralmente.

Que extraordinária sinceridade tem a obra de Leonardo! Que extraordinária cultura a do Jesuíta P.<sup>o</sup> Amaral! A dôr da Sr.<sup>a</sup> Maria das Dôres vendo o Cristo, que seu filho proposadamente para ela fizera, e que não era em nada à semelhança do verdadeiro Jesus, faz-nos meditar...

Ha capítulos dignos de figurarem numa antologia; e dignos de principal-

mente serem lidos por todos aqueles, para quem a verdade não passa ainda dum quimera...

E. de L.

## UM SORRISO DE SANTO ANTONIO

por Hipólito Raposo.

Neste livrinho que ora aparece na colecção Veritas, dirigida por Nuno de Montemor, e sob a pena maleavel do Dr. Hipólito Raposo novamente e sob reflexo no'ro renasce Santo António o o eterno casamenteiro das trovas populares e concertador solerte das bilhas partidas.

E' assim a história de um amor contrariado e honesto, que graças à protecção do Santo chega ao seu lógico desfecho que é o casamento, à mistura com a da fonte do convento (que é onde a história se passa) secada por artimanhas de um semita atroz; e é ainda o Santo quem a faz renascer por um seu ditoso milagre no poço mandado excavar em pedra estéril por ordem da Sr.<sup>a</sup> Priora.

Porém nisto quem quasi tudo sofre — e provas fundas, embora passageiras, embora com ânimo forte — é uma pobre freira, imprudente às vezes mas sempre boa e que acaba por vencer as suspeitas em parte justas das suas irmãs na Ordem.

E este painel florido e às vezes dramático do Santo decorre numa atmosfera calma; sem exuberâncias de sentimento. O estilo de Hipólito Raposo é sereno, reflectido, lembrando o dos antigos portugueses na sua correcção puríssima.

E. M.

# ao ritmo da Ampulheta

## «HUMANUM GENUS»

No passado dia 20 de Abril passou o 45.º aniversário da publicação da «Humanum Genus», notabilíssima enciclica do saudoso e imortal pontífice Leão XIII, sôbre a franco-maçonaria.

Se todos os católicos lhe tivessem seguido os luminosos ensinamentos, quantos males e provações se teriam evitados!

Escrita para ontem e escrita para hoje, quanto mais o tempo sôbre ela passa, mais se confirma e realça o fulgor das verdades que encerra.

C. C.

## DEMOCRACIA E DEMOPEDIA...

A campanha das eleições municipais em França deu origem a vários episódios dum cómico irresistível, com tôdas as características de ridículo e de falta de escrúpulos que existem no acto eleitoral, — a famosa invenção da estupidez humana.

Reproduzimos do *Candide* a seguinte anedota: Um manifesto eleitoral, prêgando a filantropia de certo candidato, afirma gravemente: «Todos os anos o Sr. Dufrenne promove uma *matinée* da qual paga em parte tôdas as despesas...»

Fica, pois, elucidado o cidadão leitor... Esta de se pagar em parte tôdas as despesas, só a um conspicuo filho das urnas!...

## MEMENTO...

No movimento constitucional de 14 de Maio foram barbaramente assassinadas, entre outras, as seguintes pessoas:

- João de Freitas (morto no Entroncamento, debaixo de prisão)
- Comandante Assis Camilo (morto a bordo)
- Comandante Nunes da Silva (morto a bordo)
- Tenente Gomes da Silva (morto na Escola de Guerra)
- Sargento aluno Oliveira (morto na Escola de Guerra)

— Estudante Kruss Gomes (morto em casa, por engano)

— Estudante Jerônimo de Oliveira (morto em casa)

— Chefe Barbosa (morto na Rua Ivens)

— Guarda n.º 1298 (morto nas Escadilhas do Hospital)

— Guarda n.º 1345 (morto à porta da esquadra do Caminho de Ferro)

— Cabo n.º 36 (morto em casa)

— Guarda n.º 400 (morto no Jardim do Tabaco)

Como se vê, é bem uma data gloriosa a atestar a virtude e o valor dos sistemas constitucionais e dos seus defensores.

Como o 19 de Outubro e o 7 de Fevereiro, caracterizou-se a revolução constitucional de 14 de Maio de 1915 pela sanha feroz e sanguinária da demagogia que matava em nome da Liberdade e dominava pelo terror.

E' bom não esquecer...

A Liberdade afinal resume-se a isto: à tirania dos demagogos, levando o desasossêgo e a desordem a tôda a parte, em nome dos *sagrados princípios* e do... estômago.

Hipócritas ou ingénuos, cada vez iludem menos a gente portuguesa, vítima escarmentada do infamíssimo lôgro.

Entre uma autoridade responsável e visível, zelando pelo interesse nacional, e o despotismo anónimo das alfarjas e da bomba, com o predomínio da canalha e dos ineptos, não há que hesitar, para que a paz e a justiça não sejam um mito e o progresso não seja uma figura de retórica ou uma abstracção sem sentido.

Recordemos o 14 de Maio como uma tremenda lição e um pesadêlo para sempre desaparecido.

As vítimas, assassinadas friamente e premeditadamente pelas feras à sôlta da demagogia, bradam-nos o dever imperioso de não mais consentirmos, para honra da Nação, o regresso a uma situação que nos aviltava e arruinava.

Seja o seu sangue inocente, junto ao de tantas outras vítimas dos ódios políticos que dilaceraram o país, expiação



bastante para que todos os portugueses possam enfim unir-se por Portugal, dignos da hora criadora que atravessamos.

«RERUM NOVARUM»

Em 16 do corrente passou o 38.º aniversário da "Rerum Novarum" notabilíssima encíclica do imortal Leão XIII.

Escrita para hontem, parece escrita para hoje.

Agóra que um fremito de renovação nos aproxima do limiar da Ordem Nova oportuno se torna recordar algumas das luminosas verdades que encerra.

.....  
«O seculo passado destruiu sem nada lhes substituir, as corporações antigas que eram para elles (os operarios) uma protecção; todo o principio e todo o sentido religioso desaparece das leis e das instituições publicas, e assim, a pouco e pouco, os trabalhadores isolados e sem defeza viram-se com o tempo entregues ao capricho de patrões desumanos e á cupidez duma concorrência desenfreada.

.....  
Os socialistas para curarem este mal ateiam o odio feroz dos pobres contra os que possuem, e pretendem que toda a propriedade de bens privados deve ser suprimida, que os bens de cada um devem ser comuns a todos e que a sua administração deve reverter ás Municipalidades ou ao Estado. Por meio desta translação das propriedades e esta egual repartição entre os cidadãos das riquezas e das suas comodidades gabam-se eles de trazer um remedio eficaz aos males presentes. Mas semelhante teoria longe de sêr capaz de pôr termo ao conflito seria pior para os operarios se fosse posta em pratica. De resto ella é essencialmente injusta visto que viola os direitos legitimos dos proprietarios, desnatura as funções do Estado, e tende a subverter de alto a baixo o edificio social.

De facto como é facil compreender, o trabalho empreendido por quem exerça uma arte lucrativa, o objectivo immediato visado pelo trabalhador, é alcançar um bem que possuirá como proprio, como pertença sua; porque se elle põe á disposição de outro as suas forças e a sua

industria não é evidentemente por outro motivo senão por obter com que p:ovêr ao seu sustento, ás necessidades da vida, e espera do seu trabalho não sómente o direito ao salario mas ainda o direito estrito e rigoroso de usar dele como melhor lhe parecer.

Se, portanto, reduzindo as suas despesas, ella chega a fazer algumas economias e se para lhes assegurar a conservação, as realiza em terreno, é evidente que este terreno não é senão o salario transformado: o fundo assim adquirido será propriedade do artifice, pelo mesmo titulo que a propria remuneração do seu trabalho.

Mas quem não vê que é precisamente nisto que consiste o direito de propriedade mobiliaria e immobiliaria?

Assim a conversão da propriedade privada em propriedade collectiva, tão preconizada pelo socialismo, não teria outro effeito que tornar a situação dos operarios mais precaria retirando-lhes a liberdade de dispôr do seu salario e tirando-lhes por isso toda a esperança e toda a possibilidade de engrandecer o seu patrimonio e de melhorar a sua situação.»

RESPONDENDO AO SIBARITA

Esquecemo-nos ao iniciar a publicação de "Politica" de pedir vênia á gente da Seara...

Ai temos agóra o Sibarita irritado por lhe não termos revelado ainda a nossa mocidade...

Zé Osorio, o Sibarita, do alto da sua enfermidade intelectual e palida, assestou aobre nós o monoculo, e vá de dar uma lição a estes pobres principiantes das letras.

Comêça por declarar que nos não quer mal. Nós tambem não queremos mal ao Sibarita; nem mal, nem bem, valha a verdade.

O seu comentario ao nosso primeiro numero, ou é poeira deitada aos olhos dos basbaques que o aturam, ou é certa miopia, muito peculiar ás enormidades talentosas lá da casa.

Use dois monoculos Zé Osorio, e talvez então veja que, a verdade é, que não se trata de sabêr se repetimos acu-

## POLITICA

sações já feitas (longe de nós a originalidade do Sibarita...) *mas sim se são verdadeiras ou não, as acusações que fazemos.*

Nem reparou (e não temos culpa que a miopia do Sibarita, lhe não permita vêr o que se passa por este mundo de cristo...) que não arremetemos contra a memoria de Gomes Freire importunamente, mas que nos limitámos a responder, como nos deixaram, contra um gesto tolo de meia duzia de parvos, e a certas acusações vagas do Seculo e do orgão dos estudantes republicanos,

Conhece o orgão da mocidade republicana, Zé Osorio?

Aquilo é que é mocidade! Mocidade e talento... Caramba!

É tal a miopia do Sibarita que nem reparou que do livro de Hipolito Raposo transcrevemos apenas... *a conclusão.*

Óra verdade é que não estamos aqui para aturar o *Alto espirito do Zé Osorio*; mas, como na realidade o assunto do seu pedido, vale por si proprio, no proximo numero, visto que o espaço de que dispomos hoje é bem pouco, mostraremos *simplesmente*, como nos pede, e pondo de banda a petulancia do Sibarita, como coisa arrumada que fica, que o acordo de Latrão, limou certas asperezas do imperialismo fascista.

Se o Sibarita ficar *elucidado* então, e com a *consciencia sossegada* melhor; se não ficar elucidado tambem não se perde nada por isso.

Agóra de que gostámos devéras, foi do seu tom importante, superior, e distinto!

Que talento e que superioridade intelectual a sua, Zé Osorio! Caramba! Porque não pede o capote ao Nemesio?  
R. d'A.

### Afirmações da Quinzena

E' preciso sentir a mesma ância de reforma e renovação; ter a consciencia dos males de que enferma esta sociedade; distinguir os preconceitos dos principios desta civilização; sentir a revolta interior contra a injustiça, a imoralidade, a mentira, a hipocrisia, o parasitismo que vemos campear na vida politica, económica, financeira, social, dêste país à sombra de venerandas mentiras sus-

tentadas por indivíduos ou classes incapazes de se regenerar, ter a coragem de não confundir nem comprometer o que há de eternamente são, verdadeiro e belo na nossa civilização latina e cristã, com a crosta de erros, abusos ou degenerescências que não são da sua essência nem constituem a sua força—para acompanhar do coração a revolução a fazer.

...Nunca nenhum médico perguntou a um doente o remédio que êle deseja tomar, mas apenas o que é que lhe dói E note que a resposta do paciente não dá a indicação da *doença*, facilita apenas o *diagnóstico*, porque acontece que a gente se queixa do estômago e tem às vezes o mal no coração. O país é um doente já não perigoso mas ainda delicado, e muito difficilmente poderia indicar com acêrto o que convem à cura dos seus males, porque, como todos, **comprometeria o futuro com o presente e sacrificaria a saúde de sempre ao sofrimento immediato.**

DR. OLIVEIRA SALAZAR, Ministro das Finanças.

(Entrevista concedida às *Novidades* de 1-5-929) \*

O Marquês de Estella compreendeu rapidamente que, se limitasse os seus trabalhos à pacificação social e a saldar as contas que a Espanha tinha com o mundo, a sua obra seria de efeitos tão frágeis como fugazes. *Entregar o país, com os seus principais problemas resolvidos, aos partidos, equivalia a reconduzir na direcção dum Banco os administradores que o houvessem levado à ruina.*

MANUEL BUENO

(Do *Diário de Lisboa* de 3-5-929) \*

Não temos que copiar o Fascismo, evidentemente, no que êle tem de exterior, de formal, de técnico. Mas não nos fazia mal, antes pelo contrário, se o imitássemos no que êle tem de psicológico, e fôssemos como êle, audazes, decididos, claros, sem sofismas, sem receios, sem meias linhas, sem hesitações.

(Da *Crónica Internacional da Voz* de 5-5-929 por *Observer*)

## CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Civis

### PARTOS - SIFILIS

CONSULTAS - Largo José Fontana, 12-2.º

ÀS 16 HORAS

## DR. MÁRIO CARDIA

MÉDICO DOS HOSPITAIS

Doenças das senhoras. Partos. Cirurgia.

Tratamentos pelo rádio e electricidade

AVENIDA DOS ALIADOS, 11, 1.º - PORTO

TELEF. 4907

## MIRA DA SILVA

MÉDICO

AV. ALMIRANTE REIS, 57-A, 1.º

LISBOA

## DR. COSTA FELIX

INTERNO DE CIRURGIA DOS HOSPITAIS CIVIS

CONSULTAS

LISBOA: Rua 16 de Outubro, 33 - Tel. C. 2350

ÀS 14 H.

DAFUNDO: R. Paulo Duque

ÀS 17,30 H.

## AFONSO LUCAS

ADVOGADO

RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 2.º

TELEFONE C. 642

LISBOA

## Sebastião Perestrello Guimarães

ADVOGADO

Escritório - RUA DO OURO 124, 2.º, D.

TEL. C. 2878

## MARTINHO NOBRE DE MELLO

ADVOGADO

RUA DE SANTA JUSTA, 82, 2.º

Telef. N. 4952

LISBOA

## A. NUNES E SILVA

ADVOGADO

TEL. C. 642

RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 2.º

LISBOA

Este numero dirigiram-no no seu aspecto  
grafico *Franz Langhans* e *Valentino de Sá*  
e foi composto e impresso na Tipografia  
Ingleza, Ltd.ª, Rua Eugenio dos Santos,

